

## Romeu, Julieta & *La Tortina*

---

Para Tau Tourinho & Lucas Virgolino,  
meus companheiros do **NOVOCINEMANOVO**.

E em eterna memória de **Gilcele Tironi**.

---

**Esta vida é uma coisa triste e porca, só mesmo a pessoa bebendo até cair de bêbada, só mesmo mamando garrafas e garrafas até não pensar mais, até esquecer tudo, tudo, tudo.**

Jorge Amado

**Mas, em meio à embriaguez, respira-se mais leve e mais livremente, na embriaguez a melodia fugaz soa mais nítida e mais próxima.**

Ivan Bunin

**Uma noite de boa bebedeira vale um ano de bons pensamentos.**

James A. Michener

**Confortador dos solitários e dos desprezados, antídoto da dor, refúgio contra o vento gélido da morte implacável. Decerto um tal elixir deve ser tocado pela mão de alguma coisa ou alguém divino!**

William Styron

**É preciso estar sempre embriagado. Aí está: eis a única questão. Para não sentirem o fardo horrível do Tempo que verga e inclina para terra, é preciso que se embriaguem sem descanso.**

Charles Baudelaire

**Não é uma ideia tão má estar embriagado nos dias que correm.**

Kristin Hannah

**O amor é um ônus para o qual a humanidade jamais estará pronta; e que está no fundo de todas as amarguras e solidões. Já Dioniso, é só alegria para os que conhecem os seus segredos.**

Wellington Mendes

**Quanto aos que bebem, pecam os que bebem para encher o estômago ou encher a tripa. Mas não pecam os que bebem na ânsia de encher um coração vazio ou para saciar a alma ressequida. Desses sei de certeza que têm igualmente no céu seu lugar reservado – um recanto plantado de girassóis e lírios que cheiram a lança-perfume. E lá os bêbados gozam da bem-aventurança, sem ressaca nem aspirina, declamando poemas, fazendo confidências, planejando suicídios, chorando mágoas alcoólicas, debruçados sobre o alvo ombro do seu anjo de guarda.**

Rachel de Queiroz

**Não se bebe pelo sabor, para ser sincero.**

George R. R. Martin

**Uma boa cerveja é uma boa cerveja.**

Emile Zola

**Sedutor assassino.**

Guy de Maupassant

**Amável lava.**

Mario Vargas Llosa

**Um copo de cachaça é tão lindo! Parece uma lágrima de mulher!**

Edílson “Lubisôni” Conceição

**Sabe o que significa espírito em latim? Álcool.**

Elke Maravilha

**É melhor morrer de vodka do que de tédio.**

Vladimir Mayakowsky

**O que acontece é que a sociedade, de forma geral, sempre busca alguma substância que distorça a percepção da realidade. O álcool é uma substância que distorce a percepção da realidade. Com o objetivo de suportar a vida, muitas vezes.**

Ricardo Sinay Neves

**Graças à cervejinha bem geladinha.**

Nélida Piñon

**Vinho é saúde. Cristo deu o exemplo, mudando a água em vinho.**

Josué Montello

**O álcool é necessário à saúde.**

Cacique Pena Branca

## As nebulosas origens do burgo & do seu líquido precioso

Consumir o dia inteiro aquela bebida, que tinha algo de mágico em seu azul diáfano de quase absoluta transparência; que, sem nenhuma explicação lógica, estava sempre gelada, qualquer que fosse a temperatura ambiente; que tinha um sabor denso, ao mesmo tempo que leve; e um misterioso *bouquet* almiscarado, em cuja composição, no entanto, se podia discernir, facilmente, um suave odor a madressilvas, não era, para os moradores daquele pequeno Burgo daquele perdido Condado daquela inacessível Cordilheira daquela velha Península daquele úmido Continente, único lugar no mundo em que era produzida, nem crime nem vício nem pecado, mas um hábito cotidiano, mantido há incontáveis gerações. Mais do que isto: fazer aquele líquido descer goela abaixo era o traço maior da identidade nacional daquele povo.

Não há registros oficiais do pioneiro desbravador daquelas terras que, junto com as estacas de sua rústica cabana, construiu o primeiro alambique e destilou a primeira gota daquele líquido que agora, mais que a fortuna do Burgo, era a seiva de sua vida, correndo nas veias de seus habitantes em indiscernível parceria com glóbulos brancos e vermelhos.

A dar-se crédito à lenda, porém, o primeiro a ali chegar teria sido um certo Montecchio, refugiado naquelas alturas pedregosas, segundo seus descendentes, por ter cometido heroico ato de rebeldia contra um déspota sanguinário; por ter violado a filha impúbere de certo potentado, segundo seus detratores.

Seria este Montecchio, sempre segundo seus familiares, um homem de ideias avançadas demais para os tirânicos tempos em que viveu, donde as perseguições que sofrera, e, mais que corajoso e progressista, culto, sábio, um alquimista intuitivo. Por outro lado, levando-se em consideração a versão de todos quantos odeiam a sua Casa, que não são poucos, seria o tal um degenerado, um sujeito vil demais para ser aceito até mesmo pela escória do vilarejo de onde foi expulso a bengaladas, ignorantão, abrutalhado e amigo do alheio.

De acordo com a versão dos primeiros, foi sua inquieta mente científica que o levou a descobrir um líquen novo, brotando entre as fissuras das rochas. Adicionando este líquen a zimbro pulverizado, mais algumas especiarias e um ingrediente pra lá de secreto, diluindo a maçaroca resultante na água incomumente ácida de um rio que tinha a nascente no ponto em que a montanha se confundia com as nuvens, destilando este líquido em rústico alambique, cujas chamas eram alimentadas por certa variedade de carvão mineral, que só ali abundava, envelhecendo o produto de tanto engenho e esforço em barris feitos com a casca de rara espécie de carvalho, que só medrava naquelas plagas, o mítico personagem teria criado a bebida que era a maior fonte de renda, de orgulho, de prazer do pequeno

burgo. Batizara-a *La Tiortina*, em póstuma honra de sua castíssima noiva, que um surto de cólera arrastara para a companhia de Santa Úrsula e suas onze mil virgens.

Já para os que odiavam o clã Montecchio, o processo de criação do augusto líquido realmente teria se processado nestes termos, tendo, porém, sido motivado pela sede obscena que consumia seu destilador e seu nome devido à sórdida lembrança de uma cigana de seios animalescos e poucos dentes, cuja ninfomania exauriu-lhe a virilidade, cujos luxos esvaziaram-lhe a bolsa, cuja umidade íntima encheu-o de escrófulas, e que partiu nas caladas da noite, deixando-o sem soldo, multiplamente corneado e objeto do escárnio público.

Bem, desconsiderados os detalhes conflitantes das duas versões correntes para o mito fundador do Burgo, seus habitantes não discutiam muito que este realmente teria surgido, junto com a bebida, graças a um homem solitário, refugiado ali para purgar crime, bravata ou paixão. Ponto pacífico.

Mas uma família, dentre todas, contestava a *identidade* do nebuloso indivíduo. Alegavam os Capullete ter sido o *seu* ancestral primevo, e *não* o dos Montecchio, o fundador da comunidade e inaugurador da sua tradição destileira.

Não negavam os Capullete ter existido um Montecchio, mas apenas servo do primeiro Capullete, este sim um verdadeiro homem de letras e luzes, que, nos intervalos da sua busca pela pedra filosofal e do erguimento dos pilares da nova cidade, usara o famoso líquen para destilar pela primeira vez *La Tiortina*, muito mais à guisa de estimular seus dotes de botânico que por algum interesse etílico, dando este nome à bebida para homenagear uma lânguida princesa que custeara seus estudos numa tradicional universidade de uma Nevoenta Ilha cujo povo tinha uma insana vocação para a pirataria e o saque.

O servo Montecchio teria, pura e simplesmente, *roubado* a fórmula de seu senhor, construído nas cercanias sua própria morada e sua própria destilaria e os dois teriam passado largo tempo se atirando calhaus assim que punham as vistas um sobre o outro, ambos aproveitando cada oportunidade que se apresentava para atear fogo à casa e às posses do rival, até que a fumaça de tantos incêndios, erguendo-se misteriosamente daquelas montanhas tidas por desabitadas pelos povos das Terras Baixas, acabou atraindo uma leva de gente que, tendo escalado a íngreme vertente por curiosidade mera, se agradou do sítio aonde chegara, mas mais ainda do líquido que aí se produzia e de suas evidentes possibilidades comerciais, e foi se instalando.

Com a presença de ferreiros, pedreiros, tanoeiros, carpinteiros, tecelões, oleiros, tapeceiros, artífices vários, enfim, bem como de umas poucas prostitutas em fim de carreira, a indústria

alcoólica floresceu, o Burgo tomou forma e engolfou as rústicas choupanas dos seus dois habitantes originais, que se viram forçados, a bem da civilidade, a reduzir seus atritos, nunca perdendo o hábito o Capulleteo, porém, de enfiar uma pena de ganso por uma narina e tirar pela outra, não sem abundante sangramento, toda vez que encontrava o Montecchio, ato que, sabe-se lá porque, injuriava-o de tal forma que o levava a morder os próprios cotovelos, a esfregar a nuca contra as árvores e a comer terra misturada com esterco de mula por vários dias após o incidente, comportamento que, desnecessário dizer, não só divertia sumamente seu desafeto, como esbatia-lhe o prestígio junto à sociedade e levava os frades a se perguntarem se ele não era posse de algum diabrete coprófago.

A rivalidade peçonhenta surgida desta estória nunca comprovada de furto, traição e espionagem industrial repercutia no Burgo há gerações, com as querelas dos membros das duas castas não raro perturbando a quietude embriagada de suas pedregulhosas ruas, mas de maneira nenhuma impedindo que seus habitantes – todos, sem exceção – mantivessem cotidianamente com *La Tiortina* os mais estreitos laços amorosos.

## Romeu, o poeta coxo

Pequeno, o Burgo era, o cruzamento de suas três avenidas principais imitando o desenho de uma cruz de caravaca, com as poucas e curtas ruas se espraiando, servis, à órbita deste centro onde pulsava a vida comunal. Por amor à verdade é forçoso dizer que, para além das suas limosas muralhas, um tédio pesado como uma bigorna oprimia os moradores dos longínquos distritos e das ocasionais casas perdidas no ermo, problema do qual eles costumavam se safar aumentando em muito as suas já abundantes rações de *La Tiortina*.

O Burgo tinha, é lógico, pois se tratava de um burgo de bem, a sua igreja, onde o amável Frei Lourenço erguia o cálice cheio até a borda, não com insípido vinho, mas com a sempre gélida *La Tiortina*, gesto no qual era alegremente imitado por todos os fiéis; o seu coreto, ao qual os músicos subiam levando preciosas garrafas acondicionadas em repartições extras dos estojos de seus instrumentos, a toda hora interrompendo os concertos para um traguinho compartilhado com a plateia, mais entusiasmada com estes brindes coletivos do que propriamente com a desafinada melodia de meia dúzia de mal manejados alaúdes; a sua pracinha, onde os namorados se encontravam mais para unir os lábios ao gargalo do que aos da pessoa amada, a qual mudava muito de mão ao longo da noite, em função não só da proverbial volubilidade juvenil como também pela solidariedade báquica a que a melíflua poção a todos conduzia.

Evitava, porém, essas missas heterodoxas, esses alegres concertos, esses encontros permissivos, um jovem de cabelos escorridos e olhar de uma melancolia marsupial, que, sem se furtar ao consumo do líquido que era o orgulho de todo um povo (pois não seria

louco de quebrar as tradições), investia seu tempo em insólitos devaneios amorosos, incongruentes com o clima de total liberalidade que no Burgo imperava, e extravasados ao mundo na forma de uns sonetinhos de sofrível qualidade que ninguém tinha paciência de ler, por mais que a todos ele perseguisse para impingi-los, na esperança, nunca de todo morta, de receber um elogiozinho, discreto e vago que fosse, aos seus dotes de menestrel. A flunar com os da sua faixa etária na orgia de todas as noites ao pé das árvores imemoriais e à luz das estrelas sempre reluzentes naquelas latitudes, preferia ele entregar-se à elucubração de um amor impossível e a urdidura, em forma de canhestros versos, da mulher ideal.

Lógico que o jovem, com seu comportamento bizarro e seu ar de carrasco em crise, muito piorado por uma bossa que se erguia de sua omoplata direita e pelos desconumais lábios de batráquio, sempre recobertos por espessa baba, não angariava junto às moças muita predileção. Ao contrário, ele as aborrecia demasiado e sua mania de falar sobre si mesmo e sobre sua literatura incompreensível menos fazia dele um atraente intelectual do que um autêntico chato de galochas, o que levava namoradas em potencial a correrem léguas assim que sua sombra disforme delas se avizinhava.

Era este jovem (Romeu era o seu nome), filho do *Signore* Montecchio, e este era, àquela altura, um dos dois mais poderosos alambiqueiros da região, escusado dizer quem era o outro.

Por ser filho único era também muito amado. Ou, pelo menos, o velho pai, viúvo e há décadas impotente e estéril, assim se esforçava para que fosse, apesar das esquisitices do rapaz muitas vezes o fazerem cogitar se um infanticídio não seria uma saída lícita e crime passível de absolvição, diante de tamanho desgosto. Tinha, porém, o velho, muitos irmãos e irmãs mais novos e cada um destes, por seu turno, extensa prole, que, ao contrário do seu virginal rebento, já começava a se reproduzir. Era, então, a chefia de um vasto clã o que os incontestáveis direitos de progeneritura conferiam ao vetusto senhor. E todos os membros deste clã, sem exceção, detestavam o poetinha de meia tigela. Primos e primas cochichavam entre si que tinham ardentes ganas de despi-lo, crivar todo seu corpo esquálido e torto de espinhos de ouriço e arrojá-lo da Rocha Tarpéia, e esquivavam-se dele de todas as formas possíveis nas cíclicas e pantagruélicas reuniões familiares, fato que não passava despercebido ao velho patriarca, que se perguntava se a gota já não era suficiente punição por seus pecados.

Certa feita, o jovem instou com o pai a usar de seu prestígio junto ao Grão-Mestre do Burgo para que este financiasse uma edição in-folio de seus poemas ou para que o pai o fizesse ele mesmo, já que pela região vagava, oferecendo seus serviços, um louro inventor das terras mais ao Norte, que afirmava ter criado, inspirado pela sapiência de mecânicos do Oriente,

uma máquina semelhante a um torniquete com letrinhas de metal, que permitiria a reprodução em série de livros. Logo percebeu que semeava em terras inférteis, pois todos daquele Burgo não se preocupavam senão em produzir *La Tiortina*, comerciá-la e consumi-la, não necessariamente nesta ordem. Já se preparava para empacotar suas traquitanas e partir em busca de freguesias mais ilustradas, quando Romeu o procurou, ávido por desengavetar seus manuscritos e sem a menor cautela de ocultar que estaria disposto – com o dinheiro do pai, é lógico – a pagar quanto fosse necessário por isto. O velho Montecchio retrucou ao filho que o Grão-Mestre já estava por demais ocupado com a indústria e o comércio, que, aliás, se confundiam por girarem em torno de um único produto, para ser importunado com as fidúcias de um pirralho pretensioso, e que quanto a ele, pai, seus cruzados podiam ser abundantes, mas não eram pra ser jogados fora e que melhor faria Romeu em correr atrás das gorduchas criadas, sempre receptivas, ou, pelo menos, sevicizar uma das cabrinhas de úberes convidativos que pastavam inocentes pelas ravinas, prática a qual ele próprio tinha ardentemente se entregue nos seus tempos áureos e da qual guardava as mais doces recordações. O incidente aumentou ainda mais as distâncias entre o pragmático progenitor e o suscetível filho, que assistiu, com lágrimas nos olhos, o empobrecido cientista vender sua mágica máquina, a única que poderia livrar o jovem poeta da maldição do anonimato, a um fazendeiro que a usaria para encilhar feno, pegando o lucro decorrente da transação para ficar por ali mesmo, convertido em mais um exportador de *La Tiortina*. Dos menos bem-sucedidos, aliás, pois mais bebia do que exportava.

Para se recuperar do traumático fracasso de sua tentativa de fugir do ineditismo, Romeu fez o que sempre fazia: foi passear no sombrio bosque de sicômoros que envolvia as altas muralhas do Burgo num cinturão verde, na nunca perdida esperança de encontrar Pã e fazê-lo ouvir de uma récita daqueles que ele julgava os melhores poemas de sua lavra. Ao reconhecer-lhe as pisadas mancadas sobre as folhas secas, Pã, que efetivamente flauteava por ali, entrou em pânico e partiu em franco galope, até retornar à segurança das planícies áticas, onde o vinho não chegava aos pés de *La Tiortina*, mas havia ninfas e ninfetas de sobra e todos os poetas, aedos, rapsodos e Orfeus já tinham sido fritos em azeite de oliva e servidos de tira-gosto aos Centauros, criaturas que, como se sabe, são chegadoinhas numa carne humana.

## Luta na praça

Acontece que era dia de se erguerem no Burgo as barracas multiplamente coloridas da sua Grande Feira Anual e só mesmo Romeu, dentre a totalidade de seus habitantes, poderia ser suficientemente alienado para pensar em ir vaguear entre as nogueiras e os esquilos quando todos os destiladores de *La Tiortina* estavam trazendo suas safras pra negociar, e todos os comerciantes de todos os outros burgos do Condado e também de outros Condados, e até de fora da Península, estavam vindo para com eles cambiar seus produtos, e das estradas de



terra chegavam carroças de acrobatas saltimbancos, e senhores de castelos longínquos enviavam seus famosos menestréis, e, do bairro onde a lei as restringia, saíam as mulheres de vida airosa, mais elasticamente capazes os primeiros, mais divertidamente inspirados os segundos, mais escandalosamente oferecidas as terceiras, e, sobretudo, mais relaxadas as autoridades eclesiásticas, o fisco e a guarda, à medida que o líquido azul, com o qual ainda se lavaria as pedras do calçamento antes que o dia acabasse, ia descendo pelas goelas de todos. Mas, enquanto a destemperada lascívia, a alegre bebedeira, a arte autêntica, se bem que muito limitada em termos técnicos, imperavam nas ruas do Burgo, Romeu – ah, este Romeu! – queria era penar seus males à sombra das aleias. Poetas! Raça excêntrica e perniciososa!

Antes que o sol dissipasse as primeiras brumas da manhã, já fervilhavam a pracinha e as avenidas principais do Burgo de gente e seus comércios. Não apenas os figurões compareciam, mas também seus criados, quer por ordem daqueles quer por vontade própria, também eles interessados em flunar, adquirir alguma cousa e tomar umas doses. E eis que, em meio à balbúrdia, avistam-se uns aos outros dois servidores dos Capulleto e dois da casa dos Montecchio. As crônicas não registram com clareza se eles agiram por ânsia de elevarem-se à mesma condição de seus amos, ao fazer sua a refrega deles, se por exibição barata para as damas que por ali palravam, todavia já mamadas demais para sequer os notar, se por servilismo do mais autêntico, ou se por obra e graça dos vapores inebriantes de *La Tiortina*, que já vagavam pelas ruas como espíritos etéreos àquela hora da manhã, o fato é que os dois servidores da casa dos Capulleto, assim como quem não quer nada, tiveram a infeliz ideia de enfiar penas de ganso numa narina e tirar pela outra diante dos dois criados dos Montecchio, apesar da estrita e já um pouco antiga restrição do Grão-Mestre para que tanto os membros de ambas as famílias como os que para elas trabalhassem parassem de torrar a paciência da população com sua querela imbecil, cuja origem nem eles mesmos conseguiam precisar, e fossem beber sua *La Tiortina* em paz e deixassem os outros beberem-na, igualmente em paz, arre, que diabos!

Tarde demais! Antes mesmo que os servos Capulleto buscassem lenços com que estancar o sangue que jorrava abundantemente de seus narizes inchados de álcool, os criados Montecchio perguntaram-lhe se eles enfiavam penas de ganso nas narinas *para eles*, senhor, ao que os primeiros responderam que não, senhor, que não enfiavam penas de ganso nas narinas *para eles*, senhor, mas que enfiavam penas de ganso nas narinas, senhor, mas que se os outros assim os desejassem, enfiariam *para eles* penas de ganso nas narinas, senhor, e até mesmo um ganso inteiro, senhor, se assim lhes aprouvesse, e até mesmo um pelicano, senhor, se fossem hábeis bastante para pegar um, senhor, e até mesmo uma avestruz, se algum mercador de animais lhes arranjasse uma, senhor, e quer saber do que mais? Vá pastar, senhor, e aí, pra usar uma figura de linguagem bem ao gosto de certo bardo, o pau comeu.

Inicialmente restrita aos quatro criados, dois de cada uma das casas rivais, a briga logo atraiu seus respectivos colegas, o que levou os chefes de ambas as famílias a acharem que, se seus empregados podiam pelear por eles, então eles também podiam esquecer um tempo a artrose, o lumbago e a diabetes, arrancar suas espadas enferrujadas dos ganchos de onde pendiam como grotescas peças de decoração, gritar seus ridículos gritos de guerra e trocar uns tabefinhos pra distrair.

Em pouquíssimo tempo, porém, a arruaça repercutiu como uma explosão por cada uma das ruas vicinais àquela onde se desencadeara e foi envolvendo o comum dos homens e mesmo o comum das mulheres e até o comum das crianças, jogando todos contra todos e todos gritando cada um por si e alguns mais pernósticos *sauf qui peut*, sem que muitos soubessem o motivo por que se espancavam mutuamente, quebravam vitrais, derrubavam estátuas, viravam carruagens. Com incrível criatividade e senso de improviso, transformavam em material bélico o que quer que estivesse exposto sobre as barracas da feira, arremessando como granadas rechonchudos javalis cozidos, fazendo de esbeltos pernis de gamo bem eficazes maçãs de armas, usando antilocabras inteiras como aríete e promovendo um verdadeira quebra-quebra de garrafões, barriletes e tonéis da mais pura *La Tiortina*, cujo conteúdo encharcou as ruas do velho Burgo num venturoso maremoto azul. Imensos gansos, apertados em suas gaiolas, contemplavam o caos que uma simples pena de um dos seus causara, destarte gozando uma divertida vingança contra aqueles humanos malditos que pretendiam, através de um funil, cevar-lhes o fígado para transformá-lo em patê.

O Grão-Mestre, a cujos ouvidos o fragor desta verdadeira batalha campal não tardou a chegar, abandonou a degustação de sua própria reserva especial de *La Tiortina*, atividade tornada mais prazenteira porque exercida em companhia de amáveis concubinas, e partiu, contrariado, para exercer sua autoridade. Chegou à zona do conflito sem seu séquito, cujos membros estavam entregues a festins particulares, acompanhado somente por dois pajens zelosos, mas não menos bêbados, cada um tropeçando de um lado do cavalo do amo, com muito esforço mantendo este sobre a sela daquele e a si mesmos de pé.

Francamente revoltado, mais por ter tido seu idílio étlico interrompido do que por toda destruição que fora causada, o nobre proibiu, em termos inconfundíveis, voz de trovão e forte hálito alcoólico, a continuidade da briga entre as famílias rivais, garantindo que quem contrariasse suas determinações desta vez daria as próprias tripas de repasto aos corvos. Como a ratificar a forte decisão de seu dono, o cavalo emitiu um estrondoso arrote, recendendo a *La Tiortina*, o que, malgrado a solenidade da cena, não deixou de arrancar sorrisos dos muito poucos ainda sóbrios e dos quase todos já borrachos.

Neste momento, Benvólio, um primo de Romeu, tonto pela combinação de dois golpes de salame no cocuruto com a ingestão exagerada de *La Tiortina* mais a própria parvoíce,

entrou cambaleando bosque adentro, procurando um lugar quieto pra vomitar. Por acaso, encontrou o primo, que lhe contou seus fracassos literários, queixumes que Benvólio julgaria efeminados se já não ressonasse sobre o próprio vômito quando o poetinha os proferiu.

## A visita do Príncipe Páris

Enquanto esse encontro se dava, o patriarca dos Capulleto recebia uma visita um tanto quanto inconveniente, depois de tanta embriaguez e pancadaria. Tratava-se do Príncipe Páris, a cujos domínios tinha chegado a notícia da riqueza do alambiqueiro, razão suficiente para que o janota empreendesse árdua viagem até aquele Burgo longínquo e insistisse com o velho senhor para que lhe desse, obviamente acompanhada de um dote à altura, a mão de sua filha única, Julieta, cuja fama ninguém sabia se se devia mais à proverbial antipatia, à descomunal obesidade, à flatulência pestífera, ou ao nefasto somatório destas nada sedutoras características.

Capulleto Pai podia não ser nenhum primor de honestidade, e ter construído sua fortuna sobre bases não necessariamente éticas, mas ainda lhe sobrava aquele mínimo de decência que até os bandoleiros têm para não querer ceder tão indomável megera a quem quer que fosse, embora estivesse ansioso para se livrar de seu fardo e aquele belo e culto rapaz, ou totalmente ignorante da fama de sua filha, ou ciente dela e dotado de algum traço mórbido de sexualidade, lhe parecesse uma resposta às preces. Alegou ao pretendente que seria preciso uma carroça muito grande para levar a noiva com ele; Páris afirmou que as cavaliças de seu pai contavam com as mais resistentes e modernas carroças, produzidas num Burgo chamado Ferrari, cujo estandarte vermelho com um cavaliño era sinônimo de bons veículos no mundo inteiro; mas seria preciso um guindaste para colocá-la e retirá-la; desafio de pouca monta para os engenheiros de seu Principado, capazes de construir pontes de largo vão, fortalezas inexpugnáveis e solenes catedrais; a pretendida não era exatamente um amor de criatura; afeto e paciência, associados aos deveres maritais bem cumpridos, abrandavam a mais rústica das têmperas; a donzela tinha – como dizer? – um renitente *probleminha de gases*, inconveniente para quem dividisse, com ela, a mesma ala do palácio, quanto mais o sacrossanto leito conjugal; nada que uma dieta à base de caudas mumificadas de salamandras e imersões em água gelada, que as freiras de certo convento administravam a portadoras deste mal, em pleno inverno, de madrugada, e sob vergastadas de ramos de vidoeiro, não resolvesse.

Perplexo com tanto interesse por sua monstruosa filha, constrangido por estar, diante de um visitante, ainda por cima tão ilustre, segurando um escalope de vitela contra um olho magoado na refrega recente, sentindo o fígado do tamanho de um barril como os muitos que há pouco consumira, e ainda por cima organizando uma nababesca festa com a qual

demonstrasse ao Grão-Mestre suas intenções pacifistas, Capullete Pai houve por bem dar este motivo como pretexto para encerrar o absurdo pedido, não sem descumprir as regras de hospitalidade que o obrigavam a dizer ao Príncipe que comparecesse, dentro de mais algumas horas e na condição de convidado de honra, a este evento, no qual poderia provar a famosa bebida que o Burgo produzia e constatar que ela, e não sua filha, era o que de belo e bom e doce havia por ali.

## Julietta troca de amante

Não há, porém, pé inchado de aguardente que não encontre meia furada que lhe caiba, e até mesmo a disforme Julieta gozava das graças de Cupido. Havia um seu primo, Teobaldo, que, de tanto enfiar penas de ganso numa narina e tirar pela outra, acabou corroendo a mucosa que há entre ambas e perdeu totalmente o sentido do olfato, mal que veio para bem, pois o tornou imune aos flatos da prima, embora não os impedisse de ouvi-los, posto que eram tão ruidosos como pestilentos. Mas isto apenas o divertia muitíssimo e ela, sabedora disto, se esforçava por emití-los sempre mais alto. Ademais, se Julieta era de gênio ruim, ele não lhe ficava atrás, e competir pra ver quem era o mais desagradável e grosseirão acabou tornando-se um grande divertimento para os dois, embora os que comparecessem a casamentos e jantares nos quais ambos estivessem, pudessem não ver graça nenhuma nos xingamentos que se dirigiam e nas estrepitosas bofetadas com que se acariciavam, inda mais que o faziam entre gargalhadas que levavam qualquer cristão a se perguntar se não era assim que uma feiticeira lúbrica emitia gemidos de amor quando brincava com algum íncubo. Pra completar, as cascatas de banha que recobriam o corpo da prima haviam casado à perfeição com a alardeada preferência do primo por mulheres que não pesassem menos que sete arrobas e uma onça. Assim, as adegas onde se estocava o tesouro líquido do Burgo, os lupanares mais imundos onde um príncipe herdeiro farreava com a ralé, as ameias por onde vagava o espectro de um rei cujo irmão o assassinara para roubar-lhe coroa e rainha, retumbavam com este amor não tanto incestuoso quanto antinatural. Por ter sobrevivido a tantos encontros íntimos com quem causava repulsa a um simples olhar, Teobaldo ficou conhecido como Rei dos Gatos, pois ninguém concebia que não se morresse a cada uma daquelas experiências, e, portanto, era preciso ter vidas em abundância para gastar de maneira tão nojenta.

Pois muito bem, enquanto Páris se recolhia à hospedaria, furioso por ver tantos empecilhos ao seu golpe do baú, Capullete Pai esgotava os cofres da família para inscrever a sua festa nos anais do Burgo, Julieta e Teobaldo se entregavam às mais pecaminosas práticas, Romeu, ao voltar à casa paterna, carregando pelo ombro o ainda embriagado Benvólio, foi alegremente recebido por um seu amigo, Mercúcio, que informou aos dois que uma festança de marcar época seria esta noite mesma oferecida na casa senhorial dos Capullete. Benvólio grunhiu qualquer coisa por trás de sua persistente náusea, Romeu replicou que andava com o espírito em sombras, mas Mercúcio insistiu: Benvólio que curasse a ressaca e se

preparasse pra outra, e Romeu que cometesse a audácia máxima de desanuviar as trevas que o envolviam sob a chama dos ricos candelabros do mortal inimigo de seu pai. Quando o poeta argumentou que era justamente isto, essa sua condição hereditária e vitalícia de inimigo do anfitrião, o que o impedia de comparecer a uma festa por ele organizada, Mercúcio disse que uma vespa tinha mais inteligência em seu ferrão do que o amigo no corpo inteiro, pois seria um baile de máscaras, meu bom cretino. E tanto insistiu que Romeu, mais para poder carregar Benvólio pra longe dali, pois seu braço começava a cansar, do que para qualquer outra coisa, concordou.

Encontraram-se os três amigos na hora e local apazado, Romeu tendo bebido as doses mínimas diárias de *La Tiortina* que o costume exigia, Mercúcio muito mais e Benvólio não de todo curado do pifão, mas ansioso por repeti-lo. Vinha o primeiro caracterizado, como não podia deixar de ser, de Musa da Poesia, costume que, diga-se de passagem, caía-lhe acerbamente bem; Benvólio de ânfora romana e Mercúcio de saca-rolhas, embora seja muito difícil imaginar como um vivente possa se disfarçar de saca-rolhas. Misturaram-se à multidão fantasiada que se acotovelava frente à mansão e não tiveram a menor dificuldade de passar pelos porteiros, mesmo porque os copitos que estes já haviam emborcado faziam-nos descuidar – e muito! – do exercício da função.

Lá dentro reinava o pandemônio, pois *La Tiortina* demolira por completo os muros da temperança e do recato e todos se entregavam às paixões mais desabridas, com especial destaque para Teobaldo e Julieta, que gargalhavam a se esbaldar dos vexames que os convidados davam, lambiam escandalosamente a língua um do outro e se enfiavam sem recalques as grotescas mãozonas sob as respectivas vestes, a essa altura todas respingadas de secreções mis.

O Príncipe Páris, que realmente não pudera resistir aos encantos da famosa bebida, garantiu que só conhecê-la já pagava em muito a viagem de ida e volta, e, totalmente esquecido do planejado noivado, revolteava ora com uma matrona vestida de franga, ora com um efebo disfarçado de girafa, ora com um anão trajado de odalisca.

Do alto de um balcão, o patriarca Capulleto – magnífico, soberbo, imperial – se regozijava triplamente, pois via que estava agradando a todos, que o Grão-Mestre em pessoa dançava a mourisca em cima de uma mesa circundada por uma orquestra de alegres tamborineiras, e que não, seu odiado rival Montecchio não aproveitara a imposta trégua para se dar ao desplante de poluir o ar que ele e seus convivas respiravam, um tanto quanto acre e pesado, àquela hora.

Não se sabe se por um desses bamburros da sorte, se por um desses caprichosos desatinos do amor, se por que, à falta de quem aceitasse ouvir uma de suas poesias, Romeu já tinha relaxado e mergulhado de nariz nas belas poncheiras de cristal lavrado onde pedaços de

frutas boiavam sensualmente sobre *La Tiortina*, o fato é que, de todas as deliciosas donzelas da festa, seu olhar caiu justamente sobre Julieta, espremida entre uma coluna e seu primo, que fazia em direção a ela sugestivos movimentos de vaivém, enquanto a dama ria e ria a não poder mais.

Aquele rápido golpe de vista exerceu sobre a mente de Romeu um impacto tão grande quanto o que exerceriam os jardins suspensos da Babilônia se tivessem desabado sobre Nabucodonosor e incendiou-lhe a carne com a fúria das chamas que Nero ensandecido ateara a Roma; foi como se todas as flechas que encobriram o sol nas Termópilas caíssem juntas e ao mesmo tempo sobre seu jovem coração e todas embebidas no irresistível veneno do filho de Afrodite.

A partir daí, Romeu, que já não era mesmo muito atinado, não teve tino para mais nada. Como o nobre Páris já esquecera totalmente que raios fora fazer naquela terra doida, habitada por gente perenemente trôpega de álcool, e resolvera endoidecer e tropeçar ele também; como o Grão-Mestre descera da mesa e se divertia tentando arrancar a dentadas as orelhas das tamborineiras, que pareciam se divertir com isto ainda mais do que ele; como o saca-rolhas Mercúcio e a ânfora Benvólio já tinham desaparecido para alguma alcova discreta, de mãozinhas dadas; como o velho Capulleteo, dando-se por satisfeito, retirara-se discretamente, na esperança desesperada de finalmente livrar-se de uma prisão-de-ventre que o incomodava há exatos vinte e dois dias, e Teobaldo já se cansara das porcas brincadeiras com a prima, preferindo despejar litros e litros de *La Tiortina* no chafariz, pra ver que efeito isto teria sobre as carpas, Romeu achou que era o momento de botar em ação seus dotes de galanteador.

Aproveitou um momento em que Julieta empregava o engenhoso e muito prático expediente de enfiar os dedos na garganta para provocar a expulsão de toda *La Tiortina* que ingerira, abrindo espaço pra novas doses. Acercou-se dela, beijou-lhe a mão, com a qual se encantou, apesar da crosta sebenta que a revestia, disparou uma verborreia incoerente sobre peregrinos, santos e mártires, caiu de boca na boca dela antes que ela pudesse dizer *Aqui, d'El Rey!* e, quando as bocas se separaram, Julieta percebeu que o achara engraçado, tão engraçado como jamais imaginara que alguém pudesse ser, com aquele seu jeito atabalhado, sua verve ridícula, suas pernas bambas, seu porte corcunda, seu hálito de sapo. Sim! Não restava dúvida que era mais engraçado do que Teobaldo jamais fora e que o reinado deste estava encerrado, que nunca mais colocariam em prática a velha máxima segundo a qual são primos e pombos que sujam a casa.

Julieta afastou-se um pouco de Romeu e, mais que olhar para ele, contemplou-o, e, ao contemplá-lo, defasou toda sua alma, confirmando tudo que aquele primeiro beijo sugerira. Então, sem saber bem porquê, experimentando um sentimento novo, que a arrebatava, por

muito que ela reconhecesse nele algo de patético, explodiu na mais tonitruante, caudalosa e orgástica gargalhada de sua jovem vida, sem discernir com clareza se era de amor que estava ébria, se de *La Tiortina*, ou se de uma deliciosa combinação dessas duas maravilhas.

Estavam os dois neste fascinante descobrir um do outro, quando surgiu a matrona que criara Julieta desde bebê e que, indiretamente, a fizera experimentar as primeiras gotas de *La Tiortina* ao nutri-la com o leite de seus fartos e molengos seios. Um pouco por estupidez, um pouco por embriaguez, a desdentada anciã não se deu conta de que sua menina estava prestes a partir pra esfregação com outro que não o primo e deduziu que foi o festivo alarido que não lhe permitira escutar antes os insistentes chamamentos que ela lhe dirigia. Puxou-a consigo, informando-lhe que sua Mãe desejava falar-lhe; sua Mãe, a *Signora Capulleto*.

Ao ouvir o sobrenome odiado, Romeu imaginou-se empalado pelo pai da moça, a quem ultrajara sob seu próprio teto, e destamponou imediata, involuntária e incontrolavelmente bexiga e intestinos. Não lhe restou senão correr até o chiqueiro, de cujos ocupantes os odores que agora o impregnavam certamente passariam despercebidos, até que, aproveitando que todos certamente estariam dormindo nas primeiras horas da manhã, saísse dali tão rápido quanto suas mal formadas pernas lhe permitissem. Como Romeu realmente cheirasse muito mal, porcos e leitões procuraram se refugiar dele, espremendo-se uns sobre os outros nos cantos mais afastados da lúgubre pocilga.

Tudo que a Mãe de Julieta desejava era apresentar-lhe um jovem – mais um – pelo qual acabara de se encantar – os casos extraconjugais da *Signora Capulleto* não eram segredo para ninguém – e este jovem era o Príncipe Páris.

Como a Mãe era muito mais bem-feita de curvas que a filha e vazava uma volúpia muito mais evidente, o nobre forasteiro achou que tinha se dado melhor. Como Julieta queria mais era que o Hades tragasse a ambos, cumprimentou gentilmente, bendisse a sorte de se livrar do assédio de semelhante tolo, e partiu em busca do seu recém descoberto amor, logo descobrindo que bastaria, para encontrá-lo, seguir-lhe o rastro dos seus excrementos. Mas não o fez sem antes a Mãe preveni-la, ao pé do ouvido, que por esta noite passava, já que as normas de hospitalidade eram sagradas naquele Burgo e mandavam receber bem, numa festa em sua casa, até mesmo um inimigo mortal, que entrara sem ser convidado, mas que se seu pai a visse conversando de novo com Romeu Montecchio, podia considerar-se deserdada e desterrada, mocinha.

Julieta tomou conhecimento mais com curiosidade do que com choque da identidade do seu amado, pois esta já lhe era totalmente indiferente, uma vez que ele podia ser Gengis Khan

reencarnado, a Peste Negra em figura de gente ou todos os demônios que tentaram Santo Antônio condensados num só, que dele ela já estava totalmente escrava.

Quando Julieta chegou à pocilga, escancarando a portinhola rangedora, não viu Romeu, nem distinguiu o fedor específico dele dos milhares de fedores que ali havia; pois, envergonhado do seu estado e temeroso por sua sorte, depois de ter tirado sarro com a filha única e amada do detestado inimigo, em cuja festa, aliás, entrou de gaiato, ele havia se refugiado atrás de uma imensa porca reprodutora, cruzada de Hampshire com Chester-White, que, meio adormecida, imaginou, pelo cheiro que dele emanava, que fosse um de seus bacorinhos e ofereceu-lhe uma teta, a qual ele, para não estragar o disfarce, teve que aceitar.

Nunca se soube – nem ela mesma soube – se foi pela influência benfazeja de *La Tiortina*, se por contágio da veia lírica do homem pelo qual acabara de se apaixonar, se por absoluta falta do que fazer, mas Julieta começou a bailar sobre a imundície, tão lépida quanto seus excedentes quilos lhe permitiam, cantarolando e suspirando e, por fim, falando para si mesma que gostaria de saber em que recôndito maldito do corpo de seu amado se ocultava o sobrenome que os impedia de serem felizes.

Poeta que era, embora muito fraquinho, como já foi dito, Romeu não poderia jamais perder semelhante deixa. Ergueu-se respingando lodo de entre as tetas de sua suína guardiã, que começava a entusiasmar-se com a brincadeira, e disse a Julieta que amputaria de bom grado a parte vil de sua anatomia onde residisse o nome desabonador. Julieta caiu pra trás, Romeu caiu por cima dela, as partes vis da anatomia de ambos se conectaram, lambuzaram-se de lama e de si mesmos, e, ao resfolegarem exaustos após uma rapidíssima, conquanto que profunda e muito satisfatória união, Julieta falou que, já que o mal estava feito, Romeu teria que casar com ela, sugestão que o jovem, até então solitário e virgem, nem pensou em rechaçar, sob a óbvia alegação que o mal quem o fizera fora Teobaldo, muito antes dele e repetidas vezes.

Pediu a dama ao seu cavalheiro que informasse à sua Ama, que ela lhe enviaria, onde e quando ele pretendia officiar a boda, e partiu em desabalada carreira rumo aos seus aposentos, antes que fosse surpreendida fora deles junto com os primeiros róseos alvares. Dando-se conta de que estes já se avizinhavam, correu Romeu como se o inferno tivesse ficado vazio e todos os diabos estivessem ali, para grande tristeza da porca, que já estava a nutrir-lhe afeto.



## Frei Lourenço celebra o casamento

Frei Lourenço, muito mais que um sacerdote, era o que hoje se convencionou chamar um espinozista, posto que, seguindo os passos do sábio três vezes excomungado, identificava Deus com a Natureza e sobre ela metodicamente se debruçava, na certeza que a sua compreensão acarretaria, também, a compreensão dos desígnios divinos. Ervas e flores exerciam sobre ele particular fascinação, pois o assombrava que pudessem conter, ao mesmo tempo, substâncias que atuassem como remédios infalíveis ou venenos fulminantes, a depender de não outro fator que a dosagem administrada. A árdua, inesgotável e sempre instigante investigação do intricado mecanismo do mundo e sobre como a mão do Eterno o colocava em funcionamento, causava no bondoso homem uma enxaqueca persistente e uma sede de matar, e ele buscava sanar ambas do mesmo jeito, ou seja, tragando fartamente agradáveis copázios de *La Tiortina*, procedimento terapêutico comprovadamente ineficaz, pois saciar uma implicava intensificar a outra.

Estava o bom do Frei neste curioso estado, entre a cefaleia e o torpor, que tanto caracterizava os seus dias, quando sentiu um cheiro estranho, logo depois viu Romeu adentrar-lhe esbaforido o claustro, e, antes de sequer lhe perguntar o que motivava visita tão inoportuna, ainda mais naqueles suspeitíssimos trajes de divindade pagã, obrigou-o, a golpes de cajado, a tomar um banho de imersão e aspergir sobre si mesmo boa quantidade de essência de crisântemos.

Tornada a atmosfera outra vez respirável, o Frei foi finalmente informado – e quase teve um enfarto – de que Romeu pretendia, nada mais, nada menos, do que casar, justamente com a filha do homem cujas amídalas seu pai jurara um dia comer de antepasto, e queria que a cerimônia se oficiasse ainda esta manhã; ademais, não tinha um tostãozinho com que obsequiar o frade, mas podia dedicar-lhe uma ode.

Depois de invectivar contra semelhante sandice, nos mais altos brados e em jargão prostibular, e atirar em Romeu o que quer que encontrasse ao seu alcance em termos de ostensórios, incensadores e turíbulos, o frade resfolegou um pouco, limpou a testa, imergiu uma caneca de flandres num grande pote, tirou-a bem cheinha de *La Tiortina*, virou-a de um só golpe e percebeu que talvez tivesse encontrado a solução pra disputa entre as casas rivais, que era, ao fim e ao cabo, o problema principal do pequeno, mas próspero, Burgo.

Num átimo, passaram-lhe pela cabeça tonsurada as honrarias a que faria jus e as benesses que conquistaria por ser o idealizador de tão fino ardid e realizador de tamanha façanha. Via-se condecorado, pelo Grão-Mestre em pessoa, em cerimônia de grande pompa, com a ordem do Albatroz Azul, e recebendo, para usufruto vitalício, uma das últimas glebas de

terra do Burgo ainda não-povoadas, aquela a meio-caminho da decadente cidade de Mahagoony e a poluída baía de Surabaya, a qual ele há muito namorava e onde construiria um palacete digno de um sultão, que decoraria com o que há de melhor no mundo em termos de tapetes, pinturas e prataria, e para onde mocinhas deslumbradas correriam, de saias afoitamente erguidas, anáguas jogadas fora e calçolas abaixadas.

Não havia dúvida! Era preciso fazer o quanto antes aquele casamento! Que Romeu comparecesse com a noiva antes que a areia da ampulheta do frade caísse totalmente. Foi desnecessário repetir as instruções. Romeu partiu dali como um azogue, totalmente esquecido que, após o banho a que o frade lhe obrigara, este havia lhe emprestado sua batina de reserva e era nestes trajés estapafúrdios, dentro dos quais sobrava seu corpo franzino, que ele quase que voava sobre as pedras da rua, chamando a atenção dos transeuntes, que julgavam confirmar, no seu estranho comportamento, a lenda de que os frades retinham estoques especialmente aditivados de *La Tiortina* em seus porões.

Chegando à praça principal, Romeu encontrou a Ama, prestes a ser vítima de uma dupla curra por parte de Mercúcio e Benvólio. Repreendeu duramente os amigos, mandou-os buscarem diversão alhures e amparou a pobre e velha criada, aparentemente mais aborrecida do que grata por sua cavalheiresca interrupção. Esta escutou atenta as novas que lhe trazia Romeu e partiu, célere, para informá-las a Julieta.

Ao chegar diante de sua jovem senhora, no entanto, a Ama não apresentou a mesma pressa que tivera em procurá-la, retendo-se em detalhes desimportantes, desfazendo-se em queixumes sem motivo e perdendo-se em circunlóquios os mais insólitos. Sem muita paciência e com corpo e alma ardendo de libido, Julieta sacou da bainha uma adaga curva que sempre a acompanhava e ameaçou com ela privar a Ama do seu útero já de todo inútil, se ela não abrisse o bico de uma vez.

Dentro de pouquíssimo tempo, estavam as duas diante de noivo e oficiante. Com o conluio da Ama, os recém-casados refugiaram-se nos aposentos da noiva e nem a mais sórdida das penas se atreveria a traçar sequer um pálido rascunho do que aprontaram em sua noite de núpcias.

## Tragédia em plena lua-de-mel

No dia seguinte, Teobaldo foi logo cedo vazar umas taças na praça principal, acreditando e não querendo acreditar no que certos cavaleiros tinham lhe contado a respeito de sua prima e Romeu na noite da festa, mas, por via das dúvidas, disposto a dar no outro um tapa ou dois, se por outra coisa não fosse, pela ancestral rivalidade entre suas dinastias, às favas a proibição do Grão-Mestre, aquele pedante.

Romeu ele não achou, mas vagava por ali Mercúcio, que já tinha dado bom-dia a *La Tiortina*, e não apenas uma, mas repetidas vezes. Não poderia ter havido encontro mais oportuno para ambos, pois embora Mercúcio andasse com Romeu, Teobaldo sabia que o fazia muito menos por afeto sincero do que para ter um objeto de zombaria sempre à mão, e, portanto, não estendia para ele o ódio que votava ao rival, muito aumentado pela suspeita, cada vez mais sólida, de que este havia lhe roubado a dama de seus amores. Ao contrário, achava Mercúcio um fanfarrão inofensivo, um comediante nato, um bom de copo, e, já que estavam mesmo os dois a fim de uma querelinha farsesca pra aplacar o calor infernal, cruzaram as espadas nuns golpezinhos de nada, enquanto se contavam piadas de papagaio.

Estavam os dois neste bem-bom, sem que nenhum dos paus d'água que, a estas horas, já infestavam a praça, lhes desse mais atenção do que se dá a dois vira-latas cruzando, quando surgiu Romeu, pimpão e faceiro, mais inebriado com a vulcânica performance de sua esposa do que com a razão – generosa razão – de *La Tiortina* com a qual o costume mandava quebrar o jejum.

Furioso por ver aquele que poderia estar interferindo na gostosa farra que há tanto tempo fazia com a prima, Teobaldo pediu educadamente licença a Mercúcio, dizendo que agora, sim, queria briga a sério, e chamou Romeu de plebeu, publicano, lacaio e servo da gleba.

Romeu não era, de fato, nenhuma dessas coisas, tampouco achou que fossem acusações com as quais, em sã consciência, fosse lá se ofender. Tinha mais o que fazer do que aceitar, logo agora, no momento mais feliz de sua vida, e partindo de adversário tão perigoso, um desafio que nunca aceitara em situações muito diferentes, e de gente muito menos hábil de esgrima. Disse a Teobaldo que mais motivos tinha para amá-lo que odiá-lo e com isto, passai bem, o que a Teobaldo pareceu uma cantada homossexual. Daí que Teobaldo partiu com o fôlego de suas nove vidas de gato pra cima de Romeu, disposto a dá-las todas pelo gostinho de furar as tripas àquele biltre. Mas Romeu não revidou, limitou-se a se esquivar da saraivada de golpes que Teobaldo lhe desferia, com aquela agilidade que só o medo dá. Não queria causar um desgosto a Julieta, ferindo-lhe o primo, e, ademais, não sabia defender-se mesmo.

Mercúcio, indignado com a vilania do seu amigo, tomou-lhe as dores, tomou umas varadas de Teobaldo que o assunto não era com ele, tomou um cálice de *La Tiortina* e voltou à liça, e, quando Romeu teve a nada brilhante ideia de meter-se entre os dois, tomou, por baixo do braço deste, uma estocada de Teobaldo que Teobaldo, a bem da verdade, não queria lhe dar nem teria lhe dado de jeito nenhum, se não fosse Romeu ter se metido onde não era chamado.

Todos os pândegos que acompanharam a luta, acharam que Mercúcio, ao revirar os olhos, era mesmo um histrião; quando seu rosto ficou verde como uma alface fresquinha, ficaram impressionados com sua capacidade de mudar a cor da pele; morreram de rir ao vê-lo se tremer todo – um gozador, esse Mercúcio! –; se perguntaram que cápsula de tinta ele havia mordido para conseguir simular que vomitava sangue; e foram ao delírio com ele chamando pela mãezinha. Quando ele cambaleou até o mais alto degrau da escadaria fronteira à igreja e desejou a plenos pulmões que uma praga recaísse tanto sobre a Casa dos Montecchio quanto a dos Capullete, ninguém teve dúvidas que ele estava aprendendo com Romeu a ser poeta, embora mau poeta. Mas quando alguém lhe trouxe uma guampa transbordante de *La Tiortina* para que ele parasse com aquilo, que também já começava a perder a graça, ele recusou e, ainda por cima, pediu água, acharam melhor nem procurar médico e chamar logo Frei Lourenço pra extrema-unção, mas nem tempo pra isto houve e o bom do Mercúcio empacotou.

Romeu acusou Teobaldo de ter matado seu amigo; Teobaldo acusou Romeu de ter precipitado a tragédia, ou era tão idiota que não percebera que estavam brincando brincadeira de macho e que, se ele agira como uma moçoila que não pode ver briga, que arcasse com as conseqüências, mas não teve jeito. Romeu, num rompante de fúria totalmente em desacordo com sua alma pueril, saiu correndo atrás de Teobaldo; Teobaldo, no começo, achou a raiva de Romeu tão engraçada quanto seu passo manco, depois percebeu que o maluco estava falando e agindo a sério e que se não lhe tirassem logo a espada das mãos bem que ele podia causar um – mais um – acidente.

Um pouco pra não passar vexame diante da multidão que, a esta altura, ali se aglomerava, muito por que sua sede de sangue Montecchio não fora saciada, e mais ainda por que Romeu tanto o perseguiu que o encurralou num canto, Teobaldo finalmente partiu pra enfrentar aquele que se tornara seu primo sem que ele soubesse. Péssimo negócio, porque aquela era a primeira vez que Romeu empunhava uma espada na vida, e dava a primeira estocada de sua vida, mas, por sorte de iniciante ou porque Teobaldo, não esperando mesmo que um mero poetinha pudesse oferecer algum perigo a quem quer que fosse, muito menos a ele, o mais famoso espadachim do Burgo, baixou a guarda. Assim, Romeu feriu alguém pela primeira vez na vida, este alguém foi Teobaldo, que, por seu turno, também estava sendo ferido pela primeira vez na vida, mas esta vez também foi a última. As almas de Teobaldo e Mercúcio chegaram abraçadinhas nos Elíseos e foram logo perguntando onde podiam tomar uma.

Amigos de Romeu, dentre os quais Benvólio, que era quem mais pranteava Mercúcio, precipitaram-se para ele e o instigaram a correr dali o quanto antes, pois a proibição do Grão-Mestre ainda vigorava.

## Enquanto isto, Julieta...

Totalmente ignorante tanto do casamento da filha quanto da morte do sobrinho, a Mãe de Julieta, neste meio tempo, convencera o Príncipe Páris que o melhor disfarce para o seu *affair* seria ele tornar-se seu genro, e o quanto antes. Excitado com a possibilidade, que nunca lhe ocorrera, de desfrutar dos favores de mãe e filha, por muito que a filha não fosse nada apetecível, e de sobra, embolsar o dote que era o que tinha ido buscar naquelas lonjuras perdidas, Páris foi, ávido, falar mais uma vez com o velho Capulleteo.

Julieta tinha acabado de chegar, sentindo-se flutuar de alegria, conquanto seus quilos excessivos a mantivessem bem presa ao solo. Pouco durou seu contentamento – pobrezinha! – pois deparou com sua gentil Ama arrojada ao chão da cozinha, a comer o borralho da lareira, a arrancar os parcos cabelos que lhe restavam e a gemer Teobaldo, Teobaldo, Teobaldo. Entre soluços, contou-lhe que seu marido matara-lhe o primo adorado, que o Grão-Mestre, convencido da alegação de Benvólio de que Romeu só matara Teobaldo porque este matara Mercúcio, tinha relaxado o que seria pena de morte em simples exílio, desde que Romeu nunca mais fosse achado dentro dos muros do Burgo e agora, para ela, Julieta, nem o mel nem a cabaça.

Confrontada com a possibilidade de uma vida insípida, com a inesperada, simultânea e irreversível perda dos seus dois parceiros sexuais, até bem pouco tempo atrás totalmente disponíveis e no pleno ardor de sua virilidade, Julieta abriu também o berreiro.

Seus berros – bem agudos – quase furaram os tímpanos de seu pai, que, já sabedor do funesto passamento de Teobaldo, se perguntou o que faria com aquela inútil, doravante não só inútil como mal-amada, e, conseqüentemente, presa de insuportável histerismo. A súbita aparição do Príncipe Páris, ainda resfolegando do recente encontro galante com sua esposa, desanuviou-lhe a mente e lhe mostrou a única saída. Antes que o jovem repetisse o pedido, o velho já tinha lhe dito que tinha pensado melhor, que Julieta, com a avançadíssima idade de doze anos e oito meses, perigava mesmo ficar pra titia, e que fazia muito gosto no enlace, desde que este se desse rápido e que os pombinhos, depois de unidos em sagrado himeneu, fossem arrulhar em seu próprio pombal, preferencialmente na Mongólia ulterior. Páris nem teve tempo de abrir os lábios e já tinha entre eles um bem provido narguilé, novidade recém-chegada das inóspitas terras d'além-mar, e, sobre a cabeça, o jorro glacial de uma safra exclusiva de *La Tiortina* espumante que o velho reservava para as mais extraordinárias ocasiões. Ao ousar sugerir que o casamento se desse na quinta-feira (era terça), ouviu o sogro perguntar que noivo tímido era aquele e que melhor era fazer tudo amanhã mesmo, hoje não, porque certamente Frei Lourenço estava de porre.

Informada pela Mãe que vestiria o traje nupcial antes de desvestir o luto pelo primo, Julieta disse que, a casar com homem tão nobre, tão cheirando a brilho e a cobre, preferia amar com os bichos. O que levou a Mãe a retrucar cala a boca, bárbara! Mas foi mesmo o pai quem, farto de mais uma gritaria em dia de gritarias, irrompeu no quarto da filha, chutou-lhe impiedosamente os rins, escarrou-lhe em plena face e ameaçou ingressá-la na Ordem de Santa Joana dos Matadouros enquanto durasse a eternidade, se ela desonrasse a palavra que ele empenhara ao jovem nobre. Recusando-se a sequer discutir aquele assunto com a filha, inclusive porque alguém tinha que dar atenção ao pobre do noivo, a Mãe deixou Julieta a sós com a Ama, cujo auxílio a moça implorou, obtendo como resposta que Teobaldo já era, Romeu não voltava mais, rei morto, rei posto, e o Príncipe era um pedaço de homem, ai, meus quinze anos!

Sentindo-se sozinha de tudo e todos e preferindo entregar-se a um tapir no cio do que casar-se com aquele almofadinha, Julieta pediu a Ama que intercedesse junto a seu pai para que este lhe permitisse procurar Frei Lourenço, a quem confessaria o terrível pecado da desobediência filial. Embora o velho tenha se perguntado que frescura era essa, agora, e imaginado que Frei Lourenço devia estar era trocando as pernas de tanta *La Tiortina*, acedeu, louco por ter um pouco de paz naquela casa de mulheres loucas e poder, finalmente, tomar uns tragos ele mesmo.

### Frei Lourenço aponta a solução

Enganou-se muito o velho pai de Julieta quanto às ocupações de Frei Lourenço, pois o pobre também pagava seus pecados, uma vez que, com tantos bueiros e cloacas disponíveis naquele Burgo, o desde há pouco e para sempre banido Romeu tinha achado de asilar-se logo na sua humilde cela, que agora retumbava com os lancinantes gritos do mancebo; gritos que, diga-se *en passant*, em muito depunham contra sua masculinidade, ainda mais que eram acompanhados por um rolar no chão que dava nojo de se ver.

Contra esse procedimento desmoralizante de seu pupilo preferido, Frei Lourenço pediu calma. Romeu retrucou que uma gota de sangue que mantivesse calma, dir-lhe-iam bastardo, chamariam seu pai de corno, colocariam um ferrete de rameira na frente casta e sem mácula de sua santa mãe.

Diante de tão rebuscada réplica ao seu razoabilíssimo pedido, Frei Lourenço radicalizou e empregou a sempre eficaz terapia de dois bons bofetões bem aplicados, que fizeram Romeu engolir o choro junto com um molar. Não satisfeito, admoestou-o, dizendo-lhe que ele era um bruto de um ingrato, pois Teobaldo privava dos encantos de Julieta e ele, Romeu, a roubara dele; que Teobaldo matara Mercúcio e ele matara Teobaldo, assim vingando o amigo, mas cometendo um crime pelo qual a lei mandava que tivesse a cabeça separada do

corpo a golpe de alabarda e era condenado somente a um exíliozinho besta, a poucas milhas dali. Tudo pra Romeu saía pelo melhor e o miserável ainda lamentava a fortuna. Tomasse prumo na vida ou haveria de sentir nas costas o peso e a textura do flagelo com que o bom do frade se penitenciava dos desejos febris que o assaltavam em relação às garotinhas que preparava para a primeira comunhão, desta penitência auto imposta não deixando ele, todavia, de obter uma variante de prazer carnal.

Mais calmo, ou, pelo menos, mais contido, depois de tão rude censura e tão apavorante ameaça, Romeu escutou Frei Lourenço dizer-lhe que descesse para os esgotos, serviço público ainda muito rudimentar naqueles tempos remotos, os percorresse até sair do Burgo, tomasse a estrada para Elsinore, lá se abrigasse com uma alegre comadre que o frade conhecia muito bem e de longa data e aguardasse notícias, que ele consultaria *La Tiortina*, excelente conselheira para esses graves momentos, encontraria uma solução e daria um jeito de deixá-lo a par dela.

O Frei ainda deu a Romeu um cantilzinho de *La Tiortina*, que era pra alegrar a viagem e tornar mais curtas e doces as horas – haveriam de ser poucas – que ele passaria longe da pátria e da amada. Romeu abraçou o velho amigo, disse-lhe que era o tenente do destino, partiu. Na rota do seu exílio, bem que tentou se alegrar com o preciosíssimo bálsamo, mas, tanto o perturbava a privação dos afetos de Julieta, ainda que fosse por pouco tempo, como lhe prometera o frade, que, quando encontrou numa encruzilhada, a mexer num caldeirão, três horrorosas, mas inofensivas bruxas, que mais não queriam do que lhe falar algo sobre parto cesariano e florestas ambulantes e passar-lhe uns folhetinhos das testemunhas de Jeová, descarregou sobre elas sua raiva, cortando-lhes as cabeçorras disformes com um único golpe de espada, de uma perícia tal que chegou a surpreendê-lo<sup>1</sup>.

Mal se recuperara Frei Lourenço de tantas atribulações que Romeu lhe dera, quando surgiu Julieta com a Ama, as duas vestidas de esvoaçantes véus negros, grandes como velas, que faziam com que elas parecessem as galeras fúnebres de Cleópatra e Marco Antônio a singrar as túbias águas do sagrado Nilo, às margens do qual pastavam pachorrentos hipopótamos, cujo feitio de corpo muito lembrava o das damas em questão, comparação que o frei não pode evitar fazer e que o levou a se perguntar, num suspiro impregnado de *La Tiortina*, porque inventara de vestir o hábito quando a tradição de todos na sua família sempre fora a segura e rentável falsificação de obras-de-arte. Pediu à amável Ama que fosse à taberna mais próxima apresentar seus respeitos a *La Tiortina*, pedido que só precisou fazer uma vez, e, assim que viu-se a sós com Julieta, perguntou-se como tanto Teobaldo como Romeu, qualquer homem com amor-próprio, enfim, poderiam ter interesse num buxo daqueles; em seguida, disse a ela que se quisesse rever seu amado, deveria estar

---

<sup>1</sup> O incidente todo aconteceu rápido e sem nenhum desdobramento, sendo aqui registrado apenas para demonstrar que até o mais pacífico dos homens pode cometer desatinos quando as coisas não lhe andam bem.

disposta a tudo e a confiar cegamente nele. Julieta já começava a se despir quando o frade disse-lhe que não, não, que com confiar nele queria dizer confiar em seus saberes de farmacêutico.

O plano era tão simples quanto audacioso. Frei Lourenço daria a Julieta uma poção. Ao regressar à casa paterna, ela a beberia de *gut-gut* e sem fazer careta. Ficaria como que morta, mas viva, e seria sepultada no mausoléu dos Capullete. Nesse ínterim, Romeu receberia uma missiva do frade, colocando-o a par de tudo, voltaria ao Burgo oculto pela noite, encontraria Julieta em sua tumba, esperaria que o miraculoso efeito de estranha beberagem passasse e os dois – *Adieu!* – sumiriam no mundo.

Sucedem, muitas vezes, na prática a teoria ser outra, e o que se viu a seguir foi uma comédia – melhor dizendo: uma tragédia – dos erros. Com efeito, Julieta tomou a poção, identificando, em sua fórmula, um malicioso toquezinho de *La Tiortina*, o que a agradou sobremaneira, pois se tudo desse errado e ela tivesse mesmo que subir a bordo da barca de Caronte, pelo menos subiria alegre. Pouco tempo depois vieram-lhe vertigens, calafrios, espasmos, uma deliciosa e elétrica vibração percorreu toda sua genitália, ela lembrou-se de Romeu, de Teobaldo, confundiu um com o outro e um no outro fundiu, deu um baita de um sorriso satisfeito, cerrou as pálpebras, seu coração parou, seu corpo ficou frio, toda sua aparência simulou indiscutível *rigor mortis*.

Às primeiras horas do dia seguinte, a Ama e a Mãe fizeram indescritível escândalo ao descobrirem-lhe o corpo inerte; a Mãe frustrada em seus planos de compor um risinho triângulo amoroso, a Ama temerosa diante da perspectiva do desemprego. Quanto ao pretendente da agora defunta, ao ver-se privado do dote e sem poder nem ao menos dar uns amassos na sogrinha, foi afogar as mágoas mergulhando em *La Tiortina*, descobriu que esta era sua única e verdadeira paixão, atracou-se com um galão cheio dela, saiu cantarolando pelas ruelas, distribuindo esmolas a granel, e nunca mais foi visto. Capullete Pai, homem prático por excelência, achou que, ao fim e ao cabo, conseguira o objetivo de tirar uma pesada – muito pesada! – cruz das costas, com a indiscutível vantagem da despesa do funeral ser bem menor que a do casório. À noite, Julieta estava placidamente estirada numa cama de pedra dentre as muitas que havia na catacumba da família, ao lado de seu finado primo, que há bem pouco tempo compartilhava com ela de situações infinitamente mais agradáveis.

## Ruído na comunicação

Sucedem que o féretro foi acompanhado à distância por um amigo de Romeu, Baltazar. Totalmente ignorante dos planos de Frei Lourenço, julgou que era sua obrigação moral



cavalgar até Elsinore, pois Romeu só poderia estar lá, e informá-lo que nem bem era marido e já tinha se tornado viúvo.

Sem saber deste entrevero e supondo-se dono de todo o tempo do mundo para resolver com calma a situação dos amantes, Frei Lourenço escreveu para Romeu pormenorizadas instruções num fino pergaminho, não resistiu a decorá-lo com ricas iluminuras, e, quando finalmente achou que tinha realizado um trabalho digno da sua posição e cultura, pediu a um seu confrade que fizesse as vezes de mensageiro.

O religioso partiu de imediato, mas achou que não ficava bem ir a pé e inventou de arrastar atrás de si um burrinho totalmente inútil, embora bastante decorativo, o que retardava extremamente uma viagem que já seria longa e lenta, mesmo que ele fosse montado no bicho, ideia óbvia que sequer lhe ocorreu.

Como se não bastasse, foi entretendo diálogos com *La Tiortina* em tudo quanto era albergue que encontrava, e, em pouquíssimo tempo, cambaleavam ele e seu companheiro muar, ao qual ele não negara o privilégio de enfiar o focinho em alguns baldes muito bem servidos, apoiados um no outro pra não beijar o chão. Por fim, enveredou, engrolando canções obscenas, por uma estrada que ia dar em qualquer canto do planeta, menos em Elsinore, deitou-se à sombra de uma macieira e uma maçã caiu-lhe na cabeça, fato corriqueiro que lhe pareceu, todavia, conter algum significado oculto. Concluiu que sangria de *La Tiortina* com pedacinhos de maçã, mais cravo e canela, iria muito bem, virou pro lado e dormiu o sono dos justos.

Baltazar, que cavalgava um puro-sangue árabe, que se encharcara de *La Tiortina* antes da viagem, não durante esta, e que pegara o caminho certo, teria ultrapassado o fradeco pinguço mesmo que tivesse partido com três dias de atraso. Encontrou Romeu sem dificuldades e foi logo lhe passando as novas funestas. Romeu arrojou-se de joelhos contra o solo, direcionou ao firmamento o rosto banhado em lágrimas e crispado de dor, e, em brados desesperados, questionou o sol, por quê, por quê, por quê; a tarde veio e Romeu continuou gritando aos céus, por quê, por quê, por quê; a noite chegou, com lua cheia, miríades de estrelas e nuvens de pirilampos e ao redondo satélite, a cada um dos fulgurantes astros, a cada um dos faiscantes insetos perguntou por quê, por quê, por quê.

Sem querer ser inconveniente, Baltazar, que neste intervalo desjejuara, tocara cítara, almoçara, flertara com uma monja, merendara, escovara o cavalo, jantara, colhera flores silvestres, ceicara, tomara muitos canecões de *La Tiortina* e já se preparava para uma sopinha, lembrou-lhe que se continuasse com esta fútil e cansativa inquirição, o curso natural das coisas faria com que não achasse de Julieta, quando se dispusesse a finalmente prestar-lhe as homenagens fúnebres, nada senão um punhado de pó.

Ferido nos brios, Romeu ergueu-se, não sem dificuldade, pelo dano que impingira aos joelhos, pediu um cavalo, um cavalo, meu reino por um cavalo. Baltazar achou que a dor fazia o amigo delirar, pois não tinha reino nenhum e seu cavalo estava ali mesmo.

Foram os dois, em ritmo desembestado, até um curandeiro das redondezas e Romeu pediu-lhe veneno. Temendo que se tratasse de um *agent provocateur* e que o entregasse à polícia, tão logo admitisse dispor de tão macabra mercadoria, o que era estritamente proibido pelas leis de Elsinore, o homem negou-se, mas ofereceu-lhe em contrapartida cachimbos de ópio, pós comprovadamente afrodisíacos e tabacos alucinógenos. Quando Romeu o fez aspirar o aroma de ouro que subia de sua bolsa, porém, resolveu correr todos os riscos e passou-lhe uma pequena ampola, cujo conteúdo, assegurava, era poderoso amuleto contra vampiros e lobisomens se espargido sobre os trajes. A ingestão de uma única gota dele, no entanto, bastaria para garantir a morte para Romeu e toda sua estirpe.

Voltaram, nas horas mais escuras, ao Burgo que, tão fatigado de mortes desnecessárias, e tão certo que ele, Romeu, o único que poderia trazer-lhe novos apuros, não ousaria retornar à terra onde tinha cabeça a prêmio, relaxara a vigilância. Com isto, o cemitério estava mais deserto do que um cemitério já costuma ser, ainda mais à noite. Mesmo que houvesse alguém para flagrá-los naquela invasão ao campo santo, o luar não era intenso o bastante para revelá-los, todavia ajudou-os a encontrar a tumba da família Capulleteo, à frente da qual entregou Romeu a Baltazar o que lhe restava de suas moedas, pedindo-lhe que vivesse e prosperasse, mas que não ousasse segui-lo, ouvisse o que ouvisse.

Desnecessário conselho. Baltazar, cansado da esparrela em que se metera e louco pra gastar a polpuda gorjeta que nunca esperou receber, só ansiava que Romeu desaparecesse no subsolo para arrancar-se dali o quanto antes.

## Os apaixonados se reencontram

Romeu arrombou com facilidade o pesado portão daquela que, há décadas, era a morada definitiva dos membros da família Capulleteo. Bem espaçosa morada, por sinal. Sobre plataformas de pedra, ou acomodados em nichos laterais, como um exército de fantasmas deitados, repousavam todos os parentes de Julieta que, antes dela, tinham dado o suspiro final.

Ela estava bem visível, iluminada pela luz, mortiça e já vacilante, das velas que acenderam a seu redor, ao depositarem-na sobre a fria laje. Aquele estado de morte aparente ressaltara-lhe a gordura, inclusive no queixo e no pescoço, pormenor do qual Romeu nunca tinha se dado conta; tornara mais evidente a flacidez de seus seios, que despencavam para os lados como mal amarradas trouxas; denunciava que seu lábio inferior projetava-se para muito

adiante do superior, que tivera varíola e tinha buço; fixara, também, um aspecto maucaráter em seu rosto, que parecia mais asinino do que nunca. Mesmo assim, Romeu chorou. Para além do seu pranto, sentiu-se tomado de um desejo por aquela esposa morta como nunca sentira nas poucas vezes que estiveram juntos, por muito que estas poucas vezes tenham sido inesquecivelmente prazerosas.

Que fosse tudo ao inferno, já que ele tão perto do inferno se encontrava, já que só se vive uma vez e ele estava prestes a deixar de fazê-lo. Um último momento de intimidade, na semiobscuridade daquele arquivo de gente morta, queria ter com aquela que, em vida e sob as graças da Igreja, fora sua esposa. Ergueu-lhe o vestido; meio por pressa, meio por aflição, preferiu rasgar-lhe as vestes interiores que tirá-las; com sobre-humano esforço afastou-lhe as pernas. Para sua surpresa e alegria, sua fenda ainda estava úmida, sob a abundante penugem que ia do umbigo às virilhas. Montou sobre ela, sobre ela movimentou-se para trás e para frente. Balbuciou o nome dela duas ou três vezes antes de cair ao chão, entre a saciedade e o esgotamento.

Foi recuperando a consciência à medida que deixava de arfar, que o pulso voltava ao normal, que a testa não mais porejava. Viu-se só e perdido, sem passado nem futuro, aprisionado num presente tétrico e vazio. Ergueu-se, colocou-se de pé diante do corpo de sua amada, em profunda deferência. Ia erguer em sua honra o derradeiro brinde.

Procurou a ampola que lhe vendera o boticário, mas sua mão bateu acidentalmente no cantil de *La Tiortina*, presente de Frei Lourenço. Pensou um pouco, vacilou, o momento não lhe parecia oportuno.

Mas... Partir deste mundo sem beber uma dosezinha! Vamos lá! *La Tiortina* era dama sábia e generosa, dar-lhe-ia coragem.

A princípio, não conseguiu atinar por que lhe sabia tão bem aquele líquido que por toda sua vida cotidianamente bebera, mas que sempre lhe parecera insosso. Bebeu de novo. Olhou para Julieta, mas sentindo-se, desta vez, possuidor de um senso crítico do qual nunca tivera consciência. Teria ele, realmente, conseguido amar aquele grotesco monturo de carne habitado por uma alma fútil e promíscua? Mais um gole. Era quente o que lhe descia pela garganta, mas era um calor distinto daquele que experimentara antes, a cada uma das inúmeras vezes que cumprira o ritual, era um queimor que não queimava: acariciava. Rapidamente, se deu conta de que, se experimentava um inédito prazer ao beber *La Tiortina*, era porque esta era a primeira vez que a bebia porque *queria*, não por que alguém, ou alguma lei não escrita, ou alguma tradição sem sentido *o obrigava*. Em sua mente, a ideia de engolir o veneno esvanecia-se com velocidade espantosa. Ele realmente cometera o desatino de escolher como senhora da sua vida aquela mulher sem critério, capaz de se

deitar com um tipo tão repulsivo quanto Teobaldo? Virou mais uma vez o cantil, nem uma gota desceu-lhe aos lábios. Esqueceu o veneno, que espatifou-se contra o piso sem que ele percebesse; esqueceu Julieta que, dentro de mais cinquenta e três minutos – cinquenta e três míseros minutos! –, se libertaria do efeito da poção que lhe dera Frei Lourenço. Nada disto lhe interessava. Na falta de *La Tiortina*, Romeu sentiu-se presa de um desespero de que não se julgava capaz, que fez com que parecesse risível o que sentiu quando não pode publicar seus toscos poemas, que não lhe causou a estúpida morte de Mercúcio, que não experimentou sequer ao saber Julieta morta, nem mesmo ao vê-la morta. Olhou através do gargalo do cantil, nada viu senão seu fundo.

Então, Romeu entendeu.

Não era na Poesia, com a qual, sabia-o em seu íntimo, nada mais conseguira do que passar vexame; não era na Amizade, que nunca a experimentara legítima, nem com Mercúcio, nem com Baltazar, nem com Benvólio; não era no Orgasmo, aquela coceirinha boba depois de um esforço titânico; não era na Fé, um rol de absurdas quimeras com que Frei Lourenço buscava, a cada sermão dominical, tornar a congregação lobotomizada o bastante para ceder-lhe o dízimo, que empregava para manter seus odres sempre bem abastecidos, em troca de não outra coisa que a insubstancial promessa de um ridículo *post mortem*, que estava a verdade.

Sobretudo não era no Amor, essa quintessência volátil, que ele julgava ter experimentado com aquela repulsiva baleia, agora inerte à sua frente e mais fétida do que fora em vida, mas no fundo da garrafa, *qualquer* garrafa, desde que ele se desse ao trabalho de esvaziá-la, que estava a resposta para todas e cada uma das suas dúvidas; que estava a verdade. Nítida, sagrada, inquestionável verdade.

Chuçou Julieta na carótida com a adaga curva que fora sepultada com ela. Rodou a lâmina e a deixou fincada em suas carnes, pra ter certeza absoluta de que a dona de seus extintos afetos morrera uma morte sem volta. Saiu da tumba um outro homem. Sentia-se como Atlas quando Hércules aceitou carregar o mundo um instante; o ar brumoso, entrando e saindo de seus pulmões, proporcionava-lhe um prazer inusitado; o simples contato de seus pés com o solo transmitia-lhe um vigor que nunca sentira. Embora soubesse que suas limitações anatômicas não tinham desaparecido ou mesmo diminuído, seu porte parecia-lhe menos deselegante do que nunca.

Logo encontrou Baltazar, que perambulava por ali, tentando saquear túmulos para complementar o dinheiro que ele lhe dera. Encobertos pela noite, foram juntos à casa dos Montecchio. Tão silenciosamente quanto puderam, carregaram uma carroça bem sólida com barris de *La Tiortina* e sumiram-se daquele Burgo a toda brida.

Passaram-se dois anos até que se soubessem notícias deles. Estavam na África. Em bem sucedida sociedade com um tal Rimbaud, dedicavam-se ao tráfico de escravos.

A elaboração desta novela seria impossível sem o gênio de Baz Luhrmann.

Antes dele, Franco Zeffirelli.

Antes de ambos e acima de todos, William Shakespeare.

Tampouco sem a deliciosa Tírtina do meu Recôncavo Baiano.

GLP